



TRAJANO, Rosângela. A deusa Vênus como representação da vontade de Vasco da Gama. In: **Revista Épicas**. Ano 2, N. 4, Dez 2018, p. 1-12. ISSN 2527-080-X.

A DEUSA VÊNUS COMO REPRESENTAÇÃO DA VONTADE DE VASCO DA GAMA

LA DÉESSE VÉNUS EN TANT QUE REPRÉSENTATION DE LA VOLONTÉ DE VASCO DE GAMA

Rosângela Trajano¹

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de investigar a preocupação da deusa Vênus em proteger e defender os navegadores portugueses em sua viagem rumo às Índias tal como conta a epopeia de Luís de Camões. A ideia principal é investigar a possibilidade de se compreender Vênus como símbolo figurativo do feminino na representação da vontade subjetiva inconsciente do Gama n' *Os Lusíadas*, ou seja, a alma do poema.

PALAVRAS-CHAVE: *Os Lusíadas*; Vênus; poesia épica.

RÉSUMÉ: Ce travail a pour objectif d'enquêter sur le souci de la déesse Vénus de protéger et de défendre les navigateurs portugais lors de leur voyage vers les Indes comme le dit l'épopée de Luís de Camões. L'idée principale est d'étudier la possibilité de comprendre Vénus en tant que symbole figuratif du féminin dans la représentation de la volonté subjective inconsciente de Gama dans *Les Lusíades*, c'est-à-dire l'âme du poème.

Mots-clés: *Les Lusíades*; Vénus; épopée.

¹ Rosângela Trajano é licenciada e bacharel em Filosofia e Mestre em Literatura. Faz graduação em Ciência Sociais na UFRN.

Introdução

Ó, navegantes que ao mar te lanças!
Vês que formosura é tua vontade
Coragem de abraçar um sonho
Torná-lo uma inesquecível realidade
Fazer do oceano presa mansa

Tarefa árdua sem tamanho.

Mas eis que vem Luís de Camões
Poeta renascentista português
Aquele que crê no Deus bíblico
Mas se atira na mitologia grega
E canta versos emocionando corações
Cantos molhados por um mar rico.

Seguem as naus o seu caminho.
Vênus, deusa protetora dos portugueses
Faz da vontade do Gama o seu ninho
Nele deita-se e repousa
Para acordar vestida numa alma
Corajosa cem mil vezes.

É a deusa pagã que suplica
É a vontade do Gama que grita
É o rei D. Manuel que já não se avista
Mas que sonha com a Índia
E por seus lusitanos a bravura se inflama
Novos oceanos vos esperam ainda!
Chega-se enfim à tão sonhada Índia
Depois à ilha dos amores
Décimo canto d' *Os Lusíadas*
Poema que cheirou flores
Glorificou-se como a *Ilíada*
Ó, Musas! Eis o mar.

Os Lusíadas cantam cá e cantam lá
As ondas do mar não podem parar

...
(ROSÂNGELA TRAJANO)

Os Lusíadas (CAMÕES, 1572) conta as aventuras dos bravos navegadores portugueses por “mares nunca dantes navegados”. Na obra os heróis portugueses são descritos como homens que têm por fé o Deus cristão, o Deus bíblico, o Deus que criou o mundo em seis dias e descansou ao sétimo. Camões, que também era cristão, no entanto,

até hoje desassossega os críticos de sua obra por ter utilizado, no seu poema, os deuses pagãos. Camões poetizou a mitologia grega n' *Os Lusíadas* a mitologia clássica, tal qual fizeram Homero, Virgílio e Ovídio. Camões, contudo, deles se destaca por ser um cristão, mas, tendo escrito a obra em pleno Renascimento, não podia deixar de seguir esse estilo literário. Assim, essa presença pode ser vista como um recurso alegórico e estético. Mas seria apenas isso?

Neste trabalho, com foco nessa presença aparentemente paradoxal, buscaremos respostas às nossas próprias interrogações e aos questionamentos alheios, centrando-nos, em especial, na figura da deusa Vênus. Começaremos, portanto, pelo levantamento de questões.

Por que Camões fez uso da deusa Vênus para proteger os navegadores portugueses? Por que uma deusa pagã? Por que a necessidade desse referente feminino numa obra cheia de homens bravos, fortes, poderosos e corajosos? A deusa Vênus não seria um objeto figurativo que poderia ser explorado como a expressão obscura da alma da vontade do Gama? Seria essa a verdadeira intuição de Camões quando se referiu ao Gama? Um navegante corajoso que tem uma expressividade na alma capaz de atrair a deusa Vênus denunciaria, através desse recurso, um grito subjetivo inconsciente de que necessitava de um corpo simbólico para se fazer representar preservando a si e a sua frota?

Eis o que buscaremos investigar e o que pretendemos responder ao término deste trabalho. Lembramos que muitos estudam Camões e já indagaram, senão estas, pelo menos questões parecidas. Por isso, nosso cuidado será o de investigar a deusa Vênus como símbolo figurativo do feminino na representação da vontade subjetiva inconsciente do Gama n' *Os Lusíadas*, ou seja, a alma do poema.

Vênus em *Os Lusíadas*

A deusa Vênus aparece n' *Os Lusíadas* como uma protetora divina, uma mãe que está sempre preocupada com os seus filhos, aquela que é capaz de derramar lágrimas e suplicar pelo bem dos mesmos sem buscar nada em troca, apenas doando seu amor. Os portugueses, no entanto, não podem enxergar esse amor tão belo, ou de ver nele uma

bênção de Deus. Mas de onde vem esta deusa meiga e bondosa? Por que tanto amor aos portugueses? À primeira pergunta nós fomos buscar resposta nas palavras de Meunier quando apresenta características da imagem mítica da deusa:

Afrodite ou Vênus, a mais bela das deusas. Deusa de suave sorriso, Vênus nasceu da espuma das vagas. Branca e pura como a alva num mar prateado, dizem que ela apareceu, pela primeira vez, nas costas brilhantes de Chipre (MEUNIER, 1995, p. 69).

Ora, tendo nascido Vênus do mar, poderíamos dizer que teria ela um amor sublime por aqueles que nele navegassem, se aventurassem; seria uma espécie de protetora dos navegadores, aquela que conhece os segredos da profundidade do oceano, que se alegra com a coragem de tão formosos homens, não permitindo que mal algum lhes aconteça. Não seria sereia ou um canto distante, mas uma voz silenciosa que se reproduz nos escritos de Camões, transformando-se num grito que busca o salvamento dos lusitanos e o reconhecimento da sua coragem diante de tantas dificuldades.

Nesse sentido, Vênus aparece como sendo uma heroína mítica de todo o poema, pois só a uma doce e delicada figura caberiam os versos do poeta que falam de beleza, sabedoria, prudência e amor. Vênus representa, n' *Os Lusíadas*, não simplesmente uma deusa pagã, mas uma heroína presente em toda a viagem marítima dos portugueses. Seria, pois, a representatividade figurativa da vontade de Vasco da Gama de atingir seu propósito, uma vontade que Camões representou pela mais bela de todas as deusas, pois só a ela caberia tal missão, quando se trata da vontade de um homem que está disposto a tudo para atingir seu objetivo.

No Canto I estrofe 33, Vênus aparece defendendo os lusitanos da ira de Baco no Concílio dos Deuses. Vejamos esta passagem:

Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga tão amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrela
[...]

Nessa estrofe, o eu lírico/narrador fala do amor que Vênus tinha pelos romanos, mas atentemos para a observação que nos chama atenção: apesar de a história contar desta afeição da deusa Vênus pelos romanos, podemos ir mais distante e compreender que, nessa defesa, estaria representada a vontade do próprio Gama. Podemos acreditar que se a vontade de Gama se fizesse presente naquele Concílio seria justamente para expressar a defesa de si e de seu povo. É como se Camões fizesse um elo entre o que é sensível e o que é inteligível. Vênus é uma imagem pagã, com uma história traçada; já a vontade de Vasco da Gama não tem corpo, não tem voz, e, por isso, entra em cena através dos seus gestos, da sua própria fala.

Parece-nos que o poeta quis brincar com o leitor o tempo todo através de Vênus. Para nós, uma dupla representação: a representação do seu amor pela mitologia clássica e a representação da vontade de um navegador corajoso. O que entendemos é que Camões fez uso da deusa Vênus para embelezar o seu poema, metaforizando a vontade de Vasco da Gama na própria deusa.

Na verdade, discute-se muito sobre o uso que Camões fez dos deuses pagãos, sendo ele um cristão. Mas concordamos com a crítica sobre a liberdade que o poeta tem de escolher seus próprios heróis, de dar-lhes vida, voz, pernas, etc. Para nós, Camões simplesmente deu uma alma a Vênus colocando nela a vontade de Vasco da Gama. Coisa que não poderia fazer com o Deus cristão, pois esse brincar poderia ter sido censurado. Numa versão brasileira de *Os Lusíadas*, os autores dão a sua opinião sobre o uso dos deuses pagãos no poema *Os Lusíadas*:

Camões mistura o maravilhoso pagão com o cristão, chegando Vênus a advogar perante Júpiter a causa dos portugueses, porque eles vão pregar a verdadeira fé, o catolicismo. Camões manteve o maravilhoso pagão por fidelidade aos cânones clássicos da epopeia, como teve em suas produções toda a mitologia greco-romana. Na própria Roma dos Papas as denominações cristãs foram muitas vezes substituídas pelas pagãs: Maria era então Minerva ou Vênus; Cristo, Apolo; O Padre Eterno era Zeus ou Júpiter. Camões não chegou a tanto e subordinou sempre os deuses gregos aos santos católicos (BRAGA & BRAGA, s/a, p. 21).

Em *Os Lusíadas*, Vasco da Gama e sua frota seguem sua viagem marítima com o intuito de alcançarem as Índias. Auxiliados pela deusa Vênus, são perseguidos por Baco e Netuno, passando por diversas aventuras, sempre comprovando seus valores e fazendo prevalecer sua fé cristã. Para os próprios navegadores portugueses, no entanto, eles só poderiam contar com a ajuda do Deus cristão e com a vontade que tinham de chegar às Índias. Logo, Vênus, como protetora, e Baco, como opositor principal, foram colocados em uma estrutura paralela à da estrutura histórica, sem que houvesse, no plano desta, um cruzamento com a outra. O “maravilhoso” dos portugueses era cristão. Camões, ao inserir os deuses pagãos, faz uma alegoria dessa fé cristã. Por exemplo, na traição do falso Mouro, no Canto I, estrofe 100, Vênus atua mais uma vez como heroína dos lusitanos:

Pera lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Citera celebrada
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morta não cuidada
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos contrários a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia

Nessa passagem, novamente podemos interpretar que a vontade de Vasco da Gama se veste em Vênus, e utiliza seus poderes para escapar da cilada que lhe estavam preparando. Claro que ele não sabia do que lhe estava para acontecer, mas a sua vontade de chegar às Índias criava em torno dele próprio uma espécie de escudo protetor, representado pela deusa. Se acaso o Gama soubesse do que estava para acontecer, certamente a sua vontade seria a de salvar-se, mas sem poderes divinos ele não conseguiria esse feito. Por isso voltamos a insistir no que já dissemos em parágrafos anteriores: Vênus veste-se da vontade do Gama para ganhar alma e tornar-se a realização do seu desejo.

Quando nos referimos à vontade do Gama como sendo o corpo de Vênus no pensamento de Camões, é porque acreditamos ser essa vontade o objeto que proporciona vida à deusa. Ou seja, Vênus não é apenas uma alegoria inserida para valorizar os vínculos da obra com a estética renascentista, mas uma expressão viva do espírito expansionista português que Vasco da Gama, historicamente, encarnava. É como nos diz Saraiva em:

Cabe notar aqui que Camões é o único escritor português que soube dar viço e alma à mitologia greco-latina, fazendo dela alguma coisa mais que uma alegoria convencional: à sua invocação os deuses mortos renascem (SARAIVA, 1997, p. 163).

Um outro ponto importante que Saraiva discute é a questão do uso dos personagens para dar vida e ação ao poema: “O importante é que sem personagens não há fábula nem ação, e n’*Os Lusíadas* não há outras personagens vivas senão os deuses” (Ibidem). É nesta questão que nos amparamos para argumentar em defesa de que Camões utilizou-se de uma voz feminina poderosa e corajosa, que seria a vontade do Gama, como também fez uso de uma personagem feminina cheia de encantos e beleza, como podemos ver em Meunier:

Ora, se tudo que é belo inspira o amor, a Deusa, que criava e propagava a beleza em tudo quanto tem vida, devia também naturalmente tornar-se a Divindade da sedução, que nos leva a amar tudo o que nos parece belo (MEUNIER, 1997. p. 69).

Uma deusa de tamanha beleza e sedução não podia receber lugar maior que o de a heroína de um poema épico. É como se Camões tivesse a intenção de embelezar seus versos cheios de aventuras, coragem e amor na história marítima dos portugueses. Como poderia Camões apresentar a vontade de Vasco da Gama suplicando a Júpiter que não permitisse a Baco fazer mal a ele próprio e aos seus colegas navegantes? Precisava, sim, Camões de uma personagem que soubesse representar a vontade de um homem inteligente, corajoso, forte, confiável do rei D. Manuel; uma personagem que vestisse sua alma de um corpo com estas mesmas qualidades. Continuemos com os exemplos.

No Canto II, estrofe 18, a deusa Vênus intercede mais uma vez a favor dos lusitanos, dessa vez livrando-os de uma armadilha do deus Baco. A deusa desce ao mar, pede o concurso das Nereidas e, em conjunto, desviam os navios da costa, apesar de haver mar e ventos favoráveis à entrada. No mesmo Canto, estrofe 31, Gama agradece à Divina Providência por tê-los ajudado. Nesta passagem podemos ver dois deuses: o pagão e o cristão. O poeta escolhe Vênus para representar a divindade pagã, em um instante de temor e pavor em que qualquer homem gostaria de ter poderes divinos para salvar-se e salvar aos

seus. Mas a fé em Deus de Vasco da Gama é tamanha que ele não imagina nunca que a sua vontade possa ter ganhado corpo, vestes e poderes para o seu salvamento. É uma vontade que vem das profundezas do homem, e cujo tamanho nem ele mesmo é capaz de saber, a sua coragem, a sua beleza. Uma vontade que, para aparecer, necessita da presença de uma estrutura simbólica, que materialize pernas, braços e vontade de lutar.

Saraiva comenta o maravilhoso n' *Os Lusíadas* como sendo representado pelos deuses pagãos e cristãos. E acrescenta também que não podemos brincar com os deuses cristãos como podemos com os pagãos, ou seja, os deuses pagãos podem ser personagens utilizados como fábulas para ilustrar o pensamento do poeta, ganhar alma, tecer ações e etc. Vejamos o que ele nos diz sobre isso:

A Virgem Maria, a Divina Providência eram manifestações sobrenaturais, mas não eram ficções poéticas, como o eram Júpiter ou Vênus. Não há nada n' *Os Lusíadas* a que se possa chamar <<maravilhoso>> cristão. Maravilhoso há só um: é a ficção da fábula dos deuses greco-latinos (1995, p. 113).

O que queremos dizer é que Camões e os portugueses sendo cristãos, não tinham a intenção de brincar com o Cristianismo, que deveria ser respeitado acima de qualquer coisa. Já na mitologia, com os deuses pagãos, têm-se uma certa liberdade para lhes dar vida e ação. O que desejamos dizer fica mais claro nas palavras de Saraiva citadas abaixo:

A nossa interpretação tem também um pressuposto: é que os verdadeiros deuses objectivos, n' *Os Lusíadas*, são os deuses da fábula e que Deus (cristão) é um deus subjetivo, ilusório dentro da máquina do Poema, um deus relativo do Autor, nos seus apartes, e aos actantes cristãos, mas não deus para dentro do Poema e da sua acção (1995, p. 41).

Ainda no Canto II, estrofe 33, Vênus pede para Júpiter a proteção para os portugueses:

Ouviu-lhes estas palavras piedosas
A formosa Dione e, comovida,
De ante as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
Avante passa, e lá no Sexto Céu,

Pera onde estava o Padre, se moveu.

Nesta outra passagem, percebemos que tudo o que mais queria Vasco da Gama era poder sentir-se divinamente protegido, e por isso rogava à Divina Providência que estivesse sempre com eles. Esse seu temor alia-se à sua vontade de chegar às Índias. Se analisarmos esta passagem de outra forma, poderemos ver a vontade do Gama solicitando proteção a uma vontade maior, mais soberana, dominadora, talvez mesmo a vontade do rei D. Manuel que era o rei de Portugal, com poderes hierarquicamente maiores que os seus. A vontade do Gama vai em busca da vontade do rei e lhe suplica ajuda. Essa cena, abstrata por ter o conteúdo imaginário do desejo, se materializa sendo apresentada como Vênus suplicando pela ajuda de Júpiter.

Se o rei D. Manuel soubesse do que se passava com os seus navegadores, e se seus poderes fossem divinos, naquela distância em que se encontrava, ele só poderia falar com o Gama através do sonho, e é o que acontece no Canto II, estrofe 56, quando o rei dos deuses manda Mercúrio à terra para que apareça, em sonhos, a Vasco da Gama, e o previna dos perigos que o aguardam em Mombaça. O rei D. Manuel aparece no poema como um elemento figurado vestido na pessoa do deus Júpiter.

No canto VI, estrofes 6 a 92, o deus Baco desespera-se por não poder impedir a viagem dos portugueses. Desce ao reino de Netuno, do qual o poeta faz belíssima descrição, e queixa-se a esse, pedindo-lhe que convoque os deuses do mar, para que todos saibam o que se está passando. Netuno, de quem também o poeta faz interessante descrição, reúne os deuses. Baco relata a seu modo o que estão fazendo os portugueses. Os deuses acreditam nele e ficam irritados, concordando em que se soltem os ventos, a fim de destruírem os navios da armada lusitana, que, até então, faziam boa viagem. Os marinheiros, cansados e sonolentos, pedem a Fernão Veloso que lhes conte alguma coisa, para afugentar o sono. Veloso conta o episódio dos Doze de Inglaterra. De repente cai a tempestade provocada pelos ventos, que lutam furiosamente sobre o mar. A descrição da tempestade é uma das passagens mais empolgantes de *Os Lusíadas*. Vênus, sempre atenta ao destino dos navegadores, sente que aquilo é obra de Baco. Desce ao mar, convoca as

ninfas do oceano e leva-as à presença dos ventos, seus adoradores. Estes, ao ver tanta beleza, perdem as forças, desistem da luta, rendendo-se ao pedido que lhes fazem.

Quem poderia ser a figura de Baco no pensamento de Camões? Uma simples representação de uma personagem da mitologia clássica? Para nós, Baco representa aqueles que tinham inveja dos portugueses por tamanha façanha, enquanto que Vênus continua representando a vontade do Gama e as ninfas a vontade dos marinheiros de toda a frota. Como vontades podem ser representadas por deusas e ninfas? Podemos responder da seguinte forma: o poeta é livre, a interpretação da poesia também é livre. Mas se há um caminho para percorrer, este é o que melhor nos ocorreu. Cada um de nós tem vontades guardadas. E uma vontade que é capaz de mover céus e terras para alcançar o seu objetivo. Baco poderia ser representado como a inveja dos romanos, pela ousadia da tarefa marítima dos portugueses. Toda vontade é vestida de beleza e encantamento, daí as ninfas, como materializações das vontades portuguesas, serem consideradas tão belas e formosas, capazes de apaziguar os ventos.

Chegam os lusitanos às Índias. Vontade saciada e vencedora, digna de muitos aplausos. E como todo bom atleta merece um prêmio, assim não poderia ser diferente aos lusitanos. No Canto IX, estrofes 18 a 89, Camões conta que a deusa Vênus quis dar uma compensação aos navegantes. Imagina então que ela preparou uma ilha belíssima, cuja descrição faz magistralmente, onde foram recebidos por ninfas apaixonadas (fechadas por Cupido a pedido de Vênus). É um quadro de puro erotismo. Nem o Gama, com toda a sua austeridade, se escusa de tomar parte nessa festa pagã, cuja autenticidade o poeta é o primeiro a contestar.

Sobre o presente da deusa Vênus aos portugueses, acreditamos que os mesmos, embevecidos com o sucesso de chegar às Índias, no caminho de volta, além de dormir e sonhar com a vontade de rever os parentes distantes, devem ter desejado encontrar o reconhecimento e a recompensa no próprio mar. Acreditamos que a vontade de Vasco da Gama de presentear a sua frota era tão significativa que ele proporcionou, alegoricamente, aquele divertimento aos marinheiros e a si mesmo.

Finalizando a exemplificação, quando Vênus chora na presença de Júpiter é como se a vontade do Gama estivesse enfraquecendo e pedindo ajuda ao seu deus cristão. Mas os cantos são molhados no naufrágio do próprio Camões, as águas são as maiores inspiradoras do poema, como nos diz Nóbrega:

As águas, no poema, são mananciais inspiradores, nos quais os poetas bebem para compor seus cantos, e são elas que, a escorrer do primeiro ao último canto, inundando o poema, desenrolam o fio do seu discurso, tão aquoso que Téthys, quando se refere ao naufrágio do poeta na foz do Mecong, chama *Os Lusíadas* de canto molhado (NOBREGA, 2004).

Conclusão

Os lusitanos chegaram às Índias, e nós chegamos ao término deste trabalho. Molhados? Talvez sim, pois, mesmo não navegando nos bravos oceanos, estivemos o tempo todo, no sentido figurado, numa das frotas do Gama a investigar o poeta Camões na escrita d' *Os Lusíadas*.

Camões nos deixou um belíssimo poema épico que nos proporciona a possibilidade de realizar leituras e análises diferentes. Em relação ao recurso de inserir mitologia clássica em sua epopeia, preferimos compreender os deuses mitológicos como materialização da vontade portuguesa de desbravar mundos, oceanos, e a de Camões de desassossegar a alma dos poetas e críticos futuros.

Este trabalho tinha o objetivo de investigar a presença da deusa Vênus e seu significado no poema. No desenvolvimento deste trabalho, encontramos-nos com um poeta cristão que fez uso da mitologia clássica por dois motivos: o primeiro, pelo estilo literário em moda no Renascimento que era o resgate dos cânones da antiguidade; e o segundo, a necessidade de embelezar seus versos com deuses pagãos capazes de ganhar vida, corpos, braços, vozes. É neste sentido que compreendemos que Camões construiu ou materializou, alegoricamente, a vontade do Gama dando vida à deusa Vênus. Uma vontade capaz de lutar contra todos os males, a bravura dos oceanos, a inteligência para lidar com povos

desconhecidos, enfim era como se o Gama elevasse sempre a sua vontade a uma força divina pagã que podia no mundo da fábula protegê-lo e ajudá-lo a chegar ao seu destino.

Tratamos em todo o desenvolvimento de fazer um paralelo entre a deusa Vênus e a vontade do Gama. O que nos parece é que Camões quis dar vida a deusa Vênus, através do seu poema elevando-a a uma espécie de corpo na alma do Gama.

O trabalho não termina aqui. Há muitas considerações a serem levantadas sobre esse tema, muitas dúvidas que surgirão a partir da leitura do poema, críticas e até mesmo a não aceitação do nosso argumento. Mas como todo homem é um poeta, e como toda poesia tem as portas da sua casa sempre abertas, nós também deixamos as nossas abertas para futuros estudos.

Referências bibliográficas

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro-RJ: Ediouro, sem data de publicação.

CAMÕES, Luís de. Adaptação: BRAGA, Rubem e BRAGA, Edson Rocha. **Os Lusíadas**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

MEUNIER, Mário. **Nova mitologia Clássica. A legenda Dourada. História dos deuses e heróis da antiguidade**. São Paulo: Ibrasa, 1997.

NÓBREGA, Luiza. **Os Lusíadas: a desejada poesia**. Natal: Jornal Tribuna do Norte: 01.02.2004.

SARAIVA, Antônio José. **Luís de Camões**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SARAIVA, Antônio José. **Estudos sobre a arte d'Os Lusíadas**. Lisboa: Gradiva, 1995.